

## Entrevista a Dan Baron

Director de teatro, artista plástico, poeta y arte educador  
2 de junio de 2003

Em realidade não me chame profesor, eu sou educador. Em realidade eu não sei o que sou, porque eu trabalho como poeta, escultor e escritor. Eu não gosto muito dessa palavra militante, porque tem um sentido de militar, mas eu dediquei bastante tempo da minha vida nas lutas populares, nos movimientos sociais.

Cada cinco anos mais ou menos eu paro para refletir bem sistemáticamente sobre as colaborações com os movimientos sociais. Então, as vezes eu me chamo arte educador, trabalhando dentro dos movimientos sociais, as vezes eu me chamo militante cultural, trabalhando dentro das universidades, porque as universidades tem uma grande história de se afastar das lutar populares, dos movimientos sociais. Eles tem a capacidade realmente de transformar un ato social numa nova sociedade. Mas também os movimientos sociais, muitas vezes, eles tem uma grande necessidade de lidar com as coisas imediatas, isso desenvolve uma cultura imediatista, as vezes as pessoas estão muito preocupadas com a dimensão económica, ou a dimensão política, sem experiências, sem lutas, com a dimesão espiritual, a dimesão artistica, digamos a dimesão da formação duma nova subjetividade.

Então, minha vida havia se preocupado como, cada vez mais, como convencer as comunidades pensar sobre essa dimensão subjetiva, o que eu quero falar com isso, a forma na que nos organizamos, nos imaginamos, nos planeamos. Digamos a búsqueda duma metodologia, mais do que a búsqueda dum mapa sobre o futuro. Eu sei hoje, que é muito mais facil criticar, e muito complexo resistir, exige bastante coragem, eu falo resistir à violencia sexual, psicológica, emocional...mais a ressiência é complicada, um tema muito mais complicado é construir, para mim a busca duma nova simbologia, a busca de formas democráticas, como as pessoas vão a imaginar e implementar uma nova sociedade.

Entonces, durante mi vida, me fui preocupando de cómo convencer a las comunidades a pensar sobre esa dimensión subjetiva. Lo que quiero decir con esto, es la forma en la que nos organizamos, nos imaginamos, nos planificamos. Digamos la búsqueda de una metodología, más que la búsqueda de un mapa sobre el futuro. Hoy en día sé que es mucho más fácil criticar, que es muy complicado resistir, exige bastante coraje, yo hablo de resistir a la violencia sexual, psicológica, emocional. Pero la resistencia es complicada, un tema mucha más complicado es construir. Para mi la búsqueda de una nueva simbología, la búsqueda de nuevas formas democráticas, como las personas van a imaginarse e implementar una nueva sociedad.

Através das artes é possível fazer varias coisas, uma coisa é possível re-humanizar as pessoas, digamos sensibilizar as pessoas no sentido de re-integrar todos os sentidos como ferramentas de expressão e de comunicação, então tem uma dimesão de re-humanização, mais tem a possibilidade de

renovar e cicatrizar a imaginação como uma ferramenta social e uma ferramenta política. E também é possível com as artes, aprender como criar democraticamente. Porque nós não nascemos com técnicas de como construir democracia, a democracia é uma técnica, um conjunto, e as artes dão a possibilidade de aprender como colaborar, como criar propostas inclusivas, mais numa linguagem bem poética, poética no sentido de que é possível de construir o novo, de empregar o velho, de reciclar ou transformar o velho mas numa proposta inovadora.

A través del arte es posible hacer varias cosas. Es posible rehumanizar a las personas, digamos sensibilizar a las personas en el sentido de reintegrar a todos los sentidos como herramientas de expresión y de comunicación. Entonces, se da una nueva dimensión de la rehumanización, pero tiene que haber una posibilidad de renovar y cicatrizar la imaginación como una herramienta social y una herramienta política. También es posible, con el arte, aprender como crear democraticamente. Porque nosotros no nacemos con técnicas para construir la democracia, la democracia es una técnica, un conjunto y el arte da la posibilidad de aprender como colaborar, como crear propuestas inclusivas, pero con un lenguaje poético, poético en el sentido de que ese posible construir lo nuevo, de emplear lo viejo, de reciclar o transformar lo viejo en una propuesta innovadora.

Eu falo tudo isso acima numa experiência principalmente em Londres, com as pessoas, colaboração de 7 anos dentro de várias culturas, muitos países dentro da mesma comunidade. Então, o que nos fizemos juntos foi a prática e saborearmos um pouco uma pedagogia, que entendo que no primeiro momento a imaginação numa pessoa vai liberar muita motivação, mais num segundo momento, as pessoas muitas vezes batem contra suas vulnerabilidades e isso pode tirar muita frustração e muita violência. O que nos fizemos antes, além de buscar propostas criativas ou criar mais intimidades, é uma construção numa solidariedade. Eu vejo que isso é fruto da intimidade e empatia (.....) As artes são linguagens únicas para desenvolver a empatia e a intimidade, sem isso eu não sei como construir a solidariedade e como poderia tentar fazer o novo. Então as artes são muito mais do que visualizar o passado, o presente e o futuro, as artes tem essa capacidade de criar intimidade e empatia e com isto é possível entender o outro é possível arriscar e criar o novo.

Hablo sobre todo esto sobre una experiencia, principalmente en Londres, con las personas, una colaboración de 7 años dentro de varias culturas, muchos países dentro de una misma comunidad. Entonces, lo que nosotros hicimos juntos fue la práctica y saboreamos un poco una pedagogía. En viendo que en un primer momento la imaginación de una persona va a liberar mucha motivación, pero en un segundo momento, las personas muchas veces se chocan contra sus vulnerabilidades y eso puede ocasionar mucha frustración y mucha violencia. Lo que nosotros hicimos antes, además de buscar propuestas creativas, o crear más intimidad, es la construcción de una solidaridad. Yo veo que eso es fruto de una intimidad y una empatía. ...El arte es un lenguaje único para desarrollar la empatía y la intimidad, sin eso yo no sé como

construir la solidaridad y como podría intentar hacer algo nuevo. Entonces el arte es mucho más que visualizar el pasado, el presente y el futuro, el arte tiene esa capacidad de crear intimidad y empatía y con esto es posible entender al otro, es posible arriesgar y crear lo nuevo.

Eu trabalhei como diretor de teatro no início. Eu fiquei muito interessado com o corpo como uma ferramenta de comunicação, eu fiquei bem alerta sobre a necessidade de trabalhar bem lentamente, dentro de uma profissão que fala você tem três semanas para fazer uma produção cultural.

Eu comecei em projetos com 22, 23 anos de idade, projetos de 6 meses, experimentando com as linguagens artísticas dentro do teatro, integrando a linguagem corporal poética, imagem, visual, o som. Isso foi através de Grotowsky, um teórico e diretor.

Foi o encontro com o escritor inglês autodidata chamado Edward Bond, eu fiquei impressionado com a contradição entre a apresentação pública e o ensaio escondido. Uma contradição entre a voz pública e a voz íntima, a voz privada. Depois eu fiquei muito curioso de como solucionar pedagogicamente, uma metodologia, esse grande conflito do que nos estávamos falando em público é o que estávamos sofrendo em privado.

Mi encuentro con el escritor inglés autodidacta, Edward Bond, me dejó impresionado con la contradicción entre la presentación pública y el ensayo escondido. Una contradicción entre la voz pública y la voz íntima, la voz privada. Después me quedé muy curioso en como solucionar pedagogicamente, con una metodología, este gran conflicto: de lo que nosotros estábamos hablando en público y de lo que estábamos sufriendo en privado.

Depois, eu encontrei com 26, 27 anos de idade, encontrei escritores e diretores de teatro exilados, a mesma coisa aconteceu, eu percebi profundamente a força da dança, a força da música, como linguagens bem mais unificadores do que a palavra, mas a mesma coisa aconteceu em público nos propomos unidade, democracia, justiça, sensibilidade, mas nos ensaios nos sofremos todas as sequelas do passado, eu percebi a descolonização da mente, mas cada vez mais eu percebi a necessidade de descolonizar o corpo. Sabendo, descobrindo que o corpo tem uma memória emocional, uma memória cultural, ideias dentro das ilusões, mais ideias dentro da pele, a pele é cada vez mais para mim como uma barricada, então nos temos as memórias vivas, memórias conscientes e memórias do que realmente estamos sofrendo na mente, mas o corpo é consciente, o problema é a gente não saber como lê o corpo. Sim nós sabemos como lê mais nós não sabemos como transformar a memória do corpo em instrumentos de

comunicação proposital, comunicação democrática, diálogo. Eu sai dessa produção em 84 com a determinação de solucionar isso.

Después yo encontré con 26 o 27 ños de edad, encontré escritores y directores de teatro exiliados, me sucedió lo mismo. Percibí profundamente la fuerza de la danza, la fuerza de la música, como lenguajes mucho más unificadores que la palabra. Lo mismo sucede en público: nosotros proponemos unidad, democracia, justicia, sensibilidad, pero en los ensayos sufrimos todas las secuelas del pasado. Percibí la descolonización de la mente, pero cada vez más percibí ala necesidad de descolonizar el cuerpo. Sabiendo, descubriendo que el cuerpo tiene una memoria emocional, una memoria cultural, ideas dentro de las ilusiones, ideas dentro de la piel, la piel cada vez más como una trinchera. Entonces, nosotros tenemos las memorias vivas. Memorias concientes y memorias de lo que realmente estamos sufriendo en la mente, pero el cuerpo es conciente, el problema es que la gente no sabe como leer el cuerpo. Si, nosotros sabemos como leer, pero no sabemos como transformar la memoria del cuerpo en instrumentos de comunicación proposital, comunicación democrática, diálogo. Salí de esa producción en el 84 con la determinación de solucionar esto.

Trabalhando há 5 anos com as comunidades, como você falou, marginais, marginalizadas, eu não uso essa palavras porque eu vejo que as comunidades das margens das comunidades criam o centro onde elas vivem e as margens é o centro, mais são excluidas. Eu trabalhei com jovens, crianças, negros, irlandeses, nas cidades pos- industriais da Inglaterra, através do trabalho anti-racista nós construímos novas metodologias, usando Paulo Freire, usando Augusto Boal. Mas principalmente, eu descobri a importância de fazer teatros íntimos, buscar a voz em cada criança, em cada jovem, em cada adulto, para buscar o autor, a autoridade em cada pessoa, democratizando um palco pequeno, ajudou a construir uma autoconfiança e uma identidade coletiva, uma motivação coletiva. **Principalmente descubrí la importancia de hacer teatros íntimos, buscar la voz en cada niño, en cada joven, en cada adulto, para buscar el autor, la autoridad en cada persona, de mocratizando un escenario pequeño, ayudamos a construir una autoconfianza y una identidad colectiva, una motivación colectiva.** Depois eu fui para a Irlanda, na Irlanda durante a luta armada minha responsabilidade era ajudar a construir ou transformar uma cultura de resistência em uma cultura de diálogo, foi necessario negociar com os mortos, pedir permissão aos mortos, para negociar com o inimigo ou ex-inimigo para construir um novo patriota. Eu percibi uma coisa fascinante, pensando na barricada, eu percibi que as pessoas estão bem lucidas em público, digamos na performance pública, mas em casa, é dizer detrás da barricada as pessoas tem um escudo, na cama, na cozinha, são as dúvidas, os medos a ansiedade e atrapalhavam a autoconfiança, as pessoas tem uma voz interna que ninguem ouviu. Minha preocupação na Irlanda era como ouvir essa voz interna, como transformar ela em uma ferramenta de libertação, porque desenvolvendo-a ajudava à construção duma voz nova de confiança, de empatia e de solidariedade.

Percibí una cosa fascinante, pensando en la trinchera, percibí que las personas están bien lúcidas en público, digamos en la performance pública, pero en casa, es decir detrás de la trinchera, las personas tienen un escudo. En la cama, en la cocina, son las dudas, los miedos y al ansiedad las que entorpecen la autoconfianza, las personas tienen una voz interna que nadie escucha. Mi preocupación en Irlanda era como escuchar esa voz interna, como transformarla en una herramienta de liberación, porque desarrollándola ayudaba en la construcción de una nueva voz de confianza, empatía y solidaridad.

Na África cada vez mais busco uma pedagogia capaz de interrogar a voz íntima de cada pessoa dentro dum espaço coletivo, uma proposta coletiva. Finalmente eu fiquei sempre com essa busca duma metodologia. Mas cada vez mais, eu entrei numa pedagogia mais íntima, numa proposta de pensar a vida como um teatro. Eu entendo o ser humano como uma criatura teatral, nos estamos sempre apresentando e sempre assistindo é nos temos uma capacidade de nos assistir através do outro.

En Africa cada vez más busco una pedagogía capaz de interrogar la voz íntima de cada persona de un espacio colectivo, una propuesta colectiva. Finalmente, me quedé siempre con la búsqueda de una metodología. Cada vez más entraba en una pedagogía más íntima, en la propuesta de pensar la vida como un teatro. Yo entiendo al ser humano como una criatura teatral, nosotros siempre estamos presentándonos y siempre asistiéndonos y nosotros tenemos la capacidad de asistirnos a través del otro.

Eu fiquei no Brasil super interessado com a importância de construir uma performance, não permanente, mas que vai permanecer, ou seja construir monumentos ou esculturas, ou mosaicos para integrar o processo no produto e o produto vai continuar como um processo, porque as nações e os séculos vai interpretar e re-interpretar, uma marca, um momento dos antepassados. Isso é uma grande motivação para as pessoas pensar que elas são os sujeitos criadores do futuro, porque eles estão construindo uma coisa, fazendo uma história, mas eles sabem que os netos e bisnetos vão encontrar um monumento que eles estão fazendo no presente. Neste sentido nós usamos a dança narrativa, a dança para buscar a memória, mas também nós usamos histórias usamos improvisações, mas também nós construímos a escultura. Eu não quero usar a palavra monumento, porque monumento vai congelar o passado duma forma rígida. Eu quero, e nós fazemos no Brasil monumentos anti-monumentais dinâmicos, que mudem, que provoquem perguntas e diálogos com as pessoas que chegam lá.

En Brasil me interesó la importancia de construir una performance, no permanente, pero que va a permanecer, o sea construir monumentos o esculturas, o mosaicos para integrar el proceso en el producto y el producto va a continuar como un proceso. Porque las naciones y los siglos vana a interpretar y reinterpretar una marca, un momento de los antepasados. Esto es una gran motivación para que las personas se piensen como sujetos creadores del futuro, porque ellos están construyendo una cosa, haciendo la historia, ellos saben que sus nietos y bisnietos van a encontrar un monumento

que ellos están haciendo en el presente. En este sentido nosotros usamos al danza narrativa, la danza para buscar la memoria, también usamos historias, usamos improvisaciones, y también nosotros construimos una escultura. No quiero usar la palabra monumento, porque monumento va a congelar el pasado de una forma rígida. Yo quiero, y nosotros lo hacemos en Brasil, monumentos anti monumentales, dinámicos, que mudan, que provocan preguntas y diálogos con las personas que hasta ellos llegan.

Por exemplo, agora no Brasil, nos estamos fazendo procesos pedagógicos com crianças, adolescentes, bisavôs, com idosos, nos estamos criando processos pedagógicos artísticos, que terminem com um teatro, não uma apresentação, nos construimos teatros, dentro desse teatro e possível para as próximas gerações continuar criando teatro. O teatro em si é uma arte de criação e de libertação.

Por ejemplo, ahora en Brasil, estamos haciendo procesos pedagógicos con niños, adolescentes, bisabuelos, con ancianos, nosotros estamos creando procesos pedagógicos artísticos que terminen con un teatro, no una presentación, nosotros construimos teatros, dentro de este teatro es posible que las próximas generaciones continúen creando teatro. El teatro en si es un arte de creación y de liberación.

Bem, isso depois de 25 anos, 25 anos atras eu estava experimentando com o corpo, mas hoje encontro que nós somos todos uns textos, textos, textos multiculturais, nos temos, tu tens, ela tem, eu tenho digamos uma intertextualidade, nós somos livros e nos temos que saber como se lêr para...e nos temos que saber como nosso livro faz parte duma biblioteca enorme, e nos temos que entender como lêr o livro, cada ser humano como um texto profundo, sem iso e imposible construir relações democráticas, e imposible construir uma comunidade, uma nova comunidade, digamos pluralista, tolerante, reflexiva, democrática.

Bien, después de 25 años. 25 años atrás yo estaba experimentando con el cuerpo. Pero hoy encuentro que todos somos unos textos, textos multiculturales, nosotros tenemos, tu tienes, ella tiene, yo tengo, digamos, una intertextualidad, nosotros somos libros y nosotros tenemos que saber como leernos para... y tenemos que saber como nuestro libro forma parte de una biblioteca enorme, y nosotros tenemos que entender como leer el libro, cada ser humano como un texto profundo, sin esto es imposible construir relaciones democráticas, es imposible construir una comunidad, una nueva comunidad, digamos pluralista, tolerante, reflexiva, democrática.

Eu falei sobre a voz publica e voz íntima, e agora no Brasil trabalhamos com essa proposta de um coordenador externo e um coordenador interno, um facilitador ou educador. Eu falo isso porque cada comunidade precisa de um espaço de reflexão, cada ser humano precisa, um taller é um espaço de reflexão, de criação, a coordenação disso é super complexa porque muitas vezes... usamos uma frase no Brasil “santo em casa nunca faz milagre”.

Hablé sobre la voz pública y la voz íntima y ahroa en Brasil, trabajamos con la propuesta de un coordinador externo y un coordinador interno, un facilitador

o educador. Hablo de esto porque cada comunidad necesita un espacio de reflexión, de creación, la coordinación de esto a veces es muy complicada....

Muitas vezes as comunidades precisam duma pessoa de fora para impulsionar um processo que a comunidade sabe que tem que acontecer, mas não tem alguém dentro da comunidade para realizar essa responsabilidade para realizar esse impulso e muitas vezes a comunidade quer se entregar de uma forma bem dependente, de uma forma de auto- subyugação, muito problemática, mas com uma consciência sobre autoritarismo, que sempre exige alguém que oprime e alguém que aceita, autoritarismo exige repressão e auto-subyugação, mas se a gente tem uma consciência sobre isso através de uma formação ou sensibilização é possível, com uma pessoa de fora, trabalhar com alguém de dentro, um coordenador interno, para realizar um processo de autoreflexão. Eu falo isso porque por exemplo eu trabalho como uma pessoa de fora muitas vezes, filosoficamente nos somos todos de fora duma outra pessoa, mais culturalmente comunidades podem se definir como uma comunidade culturalmente.

Muchas veces las comunidades necesitan a una persona externa para impulsar un proceso que la comunidad sabe que tiene que suceder, solo que nadie, dentro de la comunidad, quiere asumir la responsabilidad de asumir ese impulso y muchas veces la comunidad se entrega de una forma bien dependiente, como una auto subyugación, muy problemática. Con una conciencia sobre el autoritarismo que exige siempre alguien que oprime y alguien que acepta, el autoritarismo exige represión y auto subyugación. Pero, si hay una toma de conciencia sobre esto, a través de una formación o sensibilización, es posible trabajar como una persona externa con alguien de dentro, un coordinador interno, para realizar un proceso de auto reflexión.

Eu acho que se o coordenador é de fora, se existe uma pedagogia que valoriza a experiência e a sabedoria indígena, digamos do povo, o coordenador tem capacidade de afirmar isso com perguntas inocentes, vai afirmar a astúcia, a sabedoria da comunidade, simplesmente porque ele ou ela tem que perguntar e isso vai transformar o colaborador em educador. Mas ao mesmo tempo eu aconselho muitas vezes a trabalhar na sua própria comunidade porque elas tem também uma empatia e uma continuidade de experiências com as pessoas dentro do taller.

Então o que eu estou tentando falar, existe um papel para o coordenador de fora e o coordenador comunitário. O coordenador de fora tem que ser bem sensível sobre a possibilidade de co-dependência para evitá-la e tem que conversar com as experiências e as necessidades da comunidade. Não importar uma agenda e não impôr uma cultura estranha na comunidade, mas ao mesmo tempo eu sei que no final de contas nós queremos cultivar coordenadores comunitários, nós queremos criar processos autosustentáveis, um processo autônomo, eu quero cultivar independência. E nesse sentido talvez num primeiro momento uma comunidade precisa alguém de fora. Muitas vezes uma comunidade precisa iniciar com alguém de fora porque não tem confiança não tem as técnicas. Mas o ideal é que a comunidade, que a comunidade vai desenvolver seus educadores e coordenadores locais. Última coisa, vocês tem várias pessoas de várias culturas trabalhando junto, como um povo bem misturado, nesse sentido eu tenho que celebrar a sua multiculturalidade.

Entonces, lo que estoy intentando decir, es que existe un papel para el coordinador externo y para el coordinador comunitario. El coordinador externo tiene que estar bien sensible para identificar la posibilidad de co-dependencia, para evitarla y tiene que conversar con las experiencias y las necesidades de las comunidades. No importar una agenda y no imponer una cultura extraña en la comunidad, al mismo tiempo sé que finalmente nosotros queremos cultivar coordinadores comunitarios, nosotros queremos crear procesos auto sostenibles, procesos autónomos, quiero cultivar la independencia. En este sentido, tal vez en un primer momento, la comunidad necesita de alguien externo. Muchas veces una comunidad necesita iniciarse con alguien externo porque no tiene confianza, no tiene las técnicas. Lo ideal es que la comunidad desarrolle sus educadores y coordinadores locales. Una última cosa, ustedes tienen a varias personas de varias culturas trabajando juntas, como un pueblo bastante mezclado, en este sentido celebren su multiculturalidad.

O que nós fizemos sábado é uma proposta, não a arte, é uma proposta de ouvir a história de cada pessoa, buscar no passado a identidade, e depois juntos criar um símbolo coletivo que vai representar digamos a identidade múltipla do grupo. Eu acho que existe a necessidade de respeitar a individualidade, de integrar o coletivo ao tempo e a multiculturalidade ao tempo. E isso precisa começar pelas crianças, se tem pessoas trabalhando na



comunidade tem que pensar como afirmar a cultura de cada parte do país dentro de cada pessoa, para entender a identidade complexa.

Pienso que existe la necesidad de respetar la individualidad, de integrar el colectivo a su tiempo y la multiculturalidad a a su tiempo. Esto se inicia en los niños, si hay personas trabajando den la comunidad, hay que pensar como afianzar la cultura de cada parte del país dentro de cada persona, para entender su compleja identidad.

Eu acho que os maestros, os educadores tem que se sentir seguros, se eles vão praticar uma nova pedagogia. Eu não estou propondo vamos integrar as artes no colegio, eu estou propondo as artes como uma pedagogia educacional, além disso uma pedagogia em todas as áreas da vida, não todos vamos dançar, mas vamos usar as ferramentas artísticas para criar novas relações e novas formas de planejar.....

Mais tem que criar maestros seguros, isso significa uma formação lenta e pessoal e tem que identificar os medos e as dificuldades dos maestros, não e suficiente demonstrar uma coisa, tem que transformar eles em um ator.

Pienso que los maestros, los educadores tienen que sentirse seguros si ellos van a practicar una nueva pedagogía. Yo no propongo: vamos a integrar el arte en el Colegio, yo estoy proponiendo al arte como una pedagogía educacional, además de esto como una pedagogía en todas las áreas de la vida. No todos vamos a bailar, pero vamos a usar las herramientas artísticas para crear nuevas relaciones y nuevas formas de planificar....

También hay que crear maestros seguros, esto significa una formación lenta y personal, se tienen que identificar los miedos y dificultades, de los maestros, no es suficiente demostrar una cosa, hay que transformarlos en actores.

Tem que ajudar aos maestros a se ver como autores e também aos diretores, organizando um novo teatro, um teatro da participação, um teatro democrático, onde cada aluno, digamos participantes, pode-se ver como um autor, e com sua autoridade, ajudando na construção de um teatro democrático. Eu não quero teatralizar o mundo. O espaço da sala de aula é um espaço de performance, mais tal vez é a performance do autoritarismo, performance de repressão, performance de organização das pessoas numa curva: das pessoas mais talentosas, as pessoas mais mediocres e as pessoas mais burras. Eu não concordo com esta organização social. Isso e um teatro de repressão, um teatro de alienação.

Hay que ayudar a los maestros a verse como actores y también a los directores, organizando un nuevo teatro, un teatro de la participación, un teatro democrático, donde cada alumno, digamos participantes, se puede ver como un autor, y con su autoridad, ayudando en la construcción de un teatro democrático. No quiero teatralizar el mundo. El espacio del salón de clase es un espacio de performance, tal vez sea la performance del autoritarismo, la performance de represión, la performance de las organización de las personas en una curva: de las paersonas más talentosas, las personas mediocres y las personas más tontas. Yo no estoy de acuerdo con esta organización social. Este es un teatro de represión, un teatro de alineación.

Mas existe outro tipo de teatro, de igualdade ou de processos coletivos, mais tem que formar o maestro com essa consciência. A sala de aula onde as pessoas performam sua identidade e sua imaginação. É impossível trabalhar numa escola sem uma intervenção ao longo prazo sustentada com continuidade. Tem que formar maestros auto-confiantes e tem que integrar a diretora no processo, tem que transformar o poder na escola numa nova solidariedade, sem isso vocês vão sair da escola e as pessoas vão voltar à velha pedagogia

**Pero existe otro tipo de teatro, el de la igualdad o de los procesos colectivos, pero se tiene que formar al maestro con esta conciencia. En el salón de clases es donde las personas performan su identidad y su imaginación. Es imposible trabajar en una escuela sin una intervención a largo plazo sostenida en una continuidad. Hay que formar maestros con auto confianza e integara a la directora en el proceso, hay que transformar el poder en la escuela en una nueva solidaridad, sin eso, ustedes van a salir de la escuela y las personas van a regresar a la vieja pedagogía.**

As conclusões que vocês chegaram são bem certas na minha perspectiva, e muito importante que vocês confiem no julgamento de vocês, porque parece que para mim nós somos bem sintonizados, eu sou bem disposto a colaborar. Existe uma coisa muito interessante que é a presença indígena, e uma presença viva, não é uma coisa exótica, é real cotidiana, faz parte de uma sensibilidade que me toca bastante.

Sempre é importante lutar para incluir na curricula mas não para permitir que os poderes isolem ou marginalizem as artes, essa sempre foi a estratégia para tirar as artes do cotidiano, mistificar as artes para dizer que é uma coisa extraordinária, onde os outros não são artistas. Tem que garantir não ter essa apropriação nem mistificação das artes.

**Es importante siempre luchar para incluir en la curricula pero no para permitir que los poderes aislen o marginalizen el arte. Esta siempre fue la estrategia para arrancar el arte del cotidiano, mistificar el arte para decir que es algo extraordinario, donde los otros no son artistas, Hay que garantizar que no haya esa apropiación ni mistificación del arte.**

Como eu falei antes dos teatros, dos teatros dialógicos, as esculturas. Eu acho que o produto têm uma importância profunda mais diferente que o processo, tal vez eu vou integrasse as posições com uma contribuição. Eu acho que os processos são de experimentação e de transformação e de identificação, mais acho que o produto tem muito a ver também porque é

uma externalização do interior do íntimo das pessoas, mas numa forma coletiva. Essa concretização é uma produção social, o processo é íntimo mas a produção social é uma coisa que fica. As técnicas de como transformar uma proposta coletiva em produto, em resultado concreto da muito orgulho, da muita autoestima, da muita auto-confiança para transferir esse produto em um novo processo, e para mim o grande desafio agora é para superar essa divisão entre processo e o produto e para garantir que a produção é um processo diferente. Mais um processo de experimentação e reflexão coletiva, uma metodologia democrática. A produção também precisa de uma dinâmica criativa, de experimentação, de novas decisões coletivas. Eu acho que é importante rejeitar o modelo de produção capitalista, pragmático e que perde essa dimensão experimental.

Anteriormente hablé sobre los teatros, los teatros dialógicos, las esculturas. Pienso que el producto tiene una importancia profunda pero diferente que al del proceso, tal vez yo integre ambas posiciones con una contribución. Creo que los procesos son de experimentación y de transformación y de identificación, creo que el producto tiene mucho que ver porque es una externalización del interior, de lo íntimo de las personas, pero de una forma colectiva. Esa concretización es una producción social, el proceso es íntimo y la producción social es algo que queda. Las técnicas de cómo transformar una propuesta colectiva en un producto, en un resultado concreto da mucho orgullo, da mucha autoestima, da mucha auto confianza para convertir ese producto en un nuevo proceso, y para mí, el gran desafío ahora es superar esa división entre el proceso y el producto y para garantizar que la producción de un proceso diferente. Un proceso de experimentación y reflexión colectiva, una metodología democrática. La producción también necesita una dinámica creativa, de experimentación, de nuevas decisiones colectivas. Me parece importante rechazar el modelo de producción capitalista, pragmático, que se pierde en esa dimensión experimental.

O grande princípio aqui é para transformar como nos usamos o tempo, e muitas vezes nos pensamos sobre o processo como o tempo experimental, o tempo mais criativo, quando nos centramos no mundo da produção abandonamos essa(...) do tempo

El gran principio es transformar como usamos el tiempo y muchas veces nosotros pensamos sobre el proceso como el tiempo experimental, el tiempo más creativo, cuando nos centramos en el mundo de la producción abandonamos esa (...) del tiempo.

Nos precisamos re-conceitualizar o que entendemos como produção e tempo que ampliara, seja o caso. Nos fizemos 9 meses com os Sem Terra, 5 meses de experimentação e 4 meses de produção, a experimentação em busca duma proposta coletiva, a produção foi a realização dessa proposta coletiva num produto social e no final de conta se criou uma coisa que as pessoas podem sentir, tocar.

Eu gostaria de valorizar os dois, mais reconheço que o processo é estético e o produto é o artístico, o produto artístico é a realização de todas as

investigações para articular uma coisa comunicativa, são processos diferentes, mas os dois são procesos.

Me gustaría valorizar los dos, reconozco que el proceso es estético y el producto es artístico, el producto artístico es la realización de todas las investigaciones para articular algo comunicativo, son procesos diferentes pero los dos son procesos.

E também uma comunidade, para garantir uma relação viva com a linguagem cotidiana da cidade. Mais também eu acho que é interessante pensar como integrar essa pedagogia na produção da vida, eu falo isso como a produção de comida, não estou falando agora na integração da arte no currículo, mais a reintegração da cultura com a terra.

También pienso que es interesantes pensar en como integrar esa pedagogía en la producción de la vida, hablo esto como con al producción de la comida, no estoy hablando ahora de la producción del arte en la currícula, sino la reintegración de la cultura con al tierra.

Eu falo isso, como fizemos no taller e nos fizemos um pouco a casa, a primeira casa, eu falei te imagina embaixo da casa, as casas embaixo da casa, as primeiras casas do país, imagina as memórias pressas dentro das paredes. Mas essa integração com a terra vai atingir uma reflexão profunda sobre a natureza e a história. O Peru igual que todos os países tem que se conhecer, tem que conhecer .... tem que conhecer sua identidade histórica para entender porque essas pessoas tem esse gesto, ese ritmo, esse ascendente, essa cultura, essa vontade de dominar, essa vontade de ....., então concretamente interligar a pedagogia com a terra, com a produção da comida, a produção da sobrevivência. Eu acho importante para re-conceptualizar a pedagogia como ....., não é uma coisa .....para juntos plantar, juntos colher e juntos cozinhar.....

Esa integración con la tierra va a alcanzar una reflexión profunda sobre la naturaleza y la historia. El Perú, igual que los otros países, tiene que conocerse...tiene que conocer su identidad histórica para entender porque las personas tienen ese gesto, ese ritmo, ese ascendente, esa cultura, esa voluntad de dominar, esa voluntad de.... entonces, concretamente, interligar la pedagogía con al tierra, con la producción de la comida la producción de la sobrevivencia.

Mas tem que pensar, re-pensar tudo porque a arte foi roubada, mistificada, separada, acorrentada, chaveada dentro das galerias. Tem que re-pensar como re-democratizar, re-integrar as artes, porque as multinacionais estão fazendo isso actualmente. Mais é, exatamente, cultura ven de cultivar, cultura é cultivar.

Hay que pensar, repensarlo todo, porque el arte fue robado, mistificado, separado, encadenado, encerrado bajo llave en las galerías. Hay que repensar como redemocratizar, reintegrar el arte, porque las multinacionales están haciendo eso actualmente. Exactamente, cultura viene de cultivar, cultura es cultivar.